

# Reflexões em homenagem à nossa aniversariante

*Ailton Benedito de Sousa\**

*De regime político destinado a garantir aos indivíduos o gozo das liberdades que possuem, ela (a democracia) torna-se uma organização do poder governamental com vistas a assegurar-lhes o exercício das liberdades que ainda não têm.*

*Georges Burdeau<sup>1</sup>*

Nessas duas décadas de reabertura política no Brasil, muita coisa mudou. O desafio é achar termos que, ferindo o intelecto e a sensibilidade, expressem algumas dessas mudanças. Termos que, pelo misterioso poder da metáfora, possam em nós reacordar imagens do como era aquele mundo que desembocava em 1983, isolando, de contrapeso, as diferenças entre esse antes e esse agora.

Um número infinito de condicionantes, a começar pela recorrência, em nossa época, de uma multiplicidade de ensinamentos vinculados à Revolução Francesa, nos fez a todos nós que nos formamos sob as influências das duas grandes guerras, iluministas defasados, paradoxalmente inconscientes e convictos das proposições de base dessa filosofia. Em retrocesso, observando-nos o pensar e o agir, podemos dizer que foram nulas e continuam a sê-lo as influências não iluministas, principalmente a freudiana, no conjunto das crenças que têm respondido por nossa práxis e visão de mundo. Afinal de contas, triunfo da Razão, quatro séculos de acelerado desenvolvimento de C&T coroavam a construção do socialismo em nossa época.

Qualquer que seja ou possa ter sido, nesses 70 ou 80 anos, nossa compreensão do homem, raspadas as tintas da nossa etiqueta filosófica, jazia e ainda jaz no âmago de cada um de nós a cara concepção iluminista: o homem como *tabula rasa*, titular em potencial de um imenso dote de

---

\* Escritor e secretário de redação de *C&P*.

<sup>1</sup> Cf. Georges Burdeau, *A democracia*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

predicados, próprios a uma espécie redimida, dotes que a esse homem serão efetivamente deferidos se e somente se a sociedade antes não vier a aliená-lo, subjugar-lo ou corrompê-lo. Daí o primado da idéia de liberdade, por um lado, e de legitimação da repressão, por outro. Liberdade para alienar-se, dobrar-se ao jugo, corromper-se, no que far-se-á jus a castigos.

De todos esses dotes, o mais conspícuo é a Razão – a predisposição natural ou genética para tudo que se atribui inerente a conceitos como o de bem, de justo, de bom... A demiurgia, a perfectibilidade imanente ao homem, ao mundo, ao universo. Não obstante Freud, para não falarmos em Nietzsche, a crença iluminista se enraizou na base onde se tem construído nossas ciências sociais, gerando frutos: hábitos de agir e de pensar legitimados por consenso, embora em confronto com a prática. Em síntese, uma pauta de valores e instituições que paradoxalmente hoje respondem por nossos temores quanto ao futuro: a ambigüidade entre (ra) e irracionalidade antecipando o caos, a barbárie. Enquanto isso, permanecemos na crença de que do homem brutalizado pela pobreza, sai, naturalmente, o cidadão titular de direitos a ele deferidos pelo gene.

Senão com noções da biologia, pelo menos com ensinamentos de Freud, poder-se-ia admitir que o homem não nasça *tabula rasa*, ou, mais cruamente, não nasça limpo. Um ente macro graças à reprodução de um elemento micro (seu gene), ele se vê voltado para um hipermacro que o torna hipermicro. Um ente cuja vocação aponta para a ultrapassagem dos limites de suas dimensões não podia ou não devia ser visto, no momento em que aparece a nossos olhos, como *tabula rasa*, um pote a ser enchido, uma folha de papel a ser riscada. E isso em respeito ao reconhecimento de sua própria vocação... Se *tabula rasa*, a integralização desse ser como 'homem' ocorre na sociedade. Deixados sós na infância, voltaríamos às feras, com direito às quatro patas?

O ser que hoje saia do útero de uma mulher resulta do encontro de genes que, em sua forma atual já terão milhões de anos de existência (leia-se: de transformação). Genes que, a partir da concepção, só no momento de nossa morte deixam de se reproduzir a si mesmos em cada uma das infinitamente multiplicáveis células de nosso corpo. Se, antes de morrer, seu portador tiver procriado, esses genes poderão ter curso para a eternidade. É difícil admitir que esse material, o gene que nos fez e nos faz existir, isolados ou coletivamente, tenha-nos 'largado' nesse mundo como *tabula rasa*. Nenhum outro conteúdo haveria no 'programa' que o faz, a esse gene, reproduzir-se, finalizando-se em 'nós'? Caberia só a nós, sob o impulso cego do viver, dar sentido a essa parte do 'programa'?

Somos ou não somos, enquanto indivíduos singulares, o fim da evolução, resultado aleatório da dispersão desse material automultiplicador, a obra acabada, a conclusão do impulso metafísico que o criou? Em que medida o impulso à reprodução é natural, inato, ou induzido, de fora? Tábula rasa fecundando tábula rasa? Ou vontade, potência gerando dor e paixão? Instrumento para outra coisa? O quê?

Para facilitar uma compreensão não convencional, abandonemos aqui e ali o termo homem, substituindo-o por gene, genótipo ou fenotipo, no caso, humano. Segundo certo método de exposição dito 'científico', o modo de fixar-lhe a diferença (em relação a outras espécies de gene) é dizendo que sua reprodução, a reprodução desse gene, 'recolhe dados/signos/significados do exterior por via da cultura, ou melhor, essa reprodução é condicionada pelo ambiente, o entorno objetivo, visto não diretamente como ocorre nas demais espécies de matéria viva, mas através de uma densa rede de signos, vale dizer de 'representantes' – a cultura. Dito de outra forma: o ente formado por esse gene, manifestando sua essência social, cria, projeta algo que à falta de signo para referi-lo, chamamos de cultura – uma metáfora – uma teia de intersubjetividades, às vezes também referida como acervo de conhecimentos, crenças, valores, transmissíveis por aprendizagem. É também referenciada como 'mapa constituído por signos pelo qual vemos os ambientes orgânico e inorgânico em que nos inserimos', ou, ainda, como expressão da capacitação da espécie para o pensamento abstrato, lógico-simbólico, ou mesmo para a integralização do conceito abstrato de tempo: passado-presente-futuro. Com essa compreensão, dá-se função à cultura: páginas repletas de 'texto' para que nelas 'o gene' *leia* e se reorienta em sua reprodução. Leitor dessa página não seria só o gene, mas também seu agregado, o homem, nascido *tabula rasa*...

É desse nó que nascem ou se justificam conceitos fundamentais como o de liberdade, o de ser, o de ética, de moral, de religião. Cabe crer também que o agir desse ente enquanto agregado de genes não seria irrefletido, não estaria *a priori* fixado em sua estrutura genética. Por necessidade inescapável, sua ação no mundo resultaria de opção diante de alternativas, daí sua liberdade, daí a base para a noção de valor: o bem e o mal, o certo e o errado; daí a responsabilidade, a auto-imputação da culpa.

Mas, se o homem não nasce *tabula rasa*? Se traz heranças genéticas do bicho pré-humano? Se as células do senhor e do escravo recolhem e veiculam não apenas estigmas de submissão ou de hipocrisia, mas estigmas da irracionalidade e do ódio primordiais? Se o incoercível sentimento

da culpa é, segundo *Moisés e o monoteísmo*<sup>2</sup>, resultante da 'mossa' eternamente deixada em nossa carga genética pelo ato do parricídio primordial, crime a partir do qual tem início a 'civilização' como a temos conhecido, com a sua indefectível marca do pacto ou contrato social?

O agir dessa macro-estrutura genética, o homem, individual ou coletivamente, responderia a quê? A solicitações do ambiente, por via da cultura? A impulsos das cavernas do gene ou do Gênesis? A ambos? Em que proporções? Há evolução no seu devir? Progressiva ou regressiva? Em que escala de tempo? Mais do que nunca, no início do século XXI urge continuar a dar 'respostas' a essas perguntas. Ou melhor, considerar que essas perguntas ainda estão aí, sem respostas. Urge avaliar as que até aqui foram e têm sido dadas. Afinal de contas, neste exato momento meia dúzia de povos ditos civilizados nos estão mostrando seu lado b, isto é, bárbaro.

Afastando-se de uma reflexão de base humanista ou, no mínimo, provisória ou neutra, vertentes do pensamento racista europeu do século XIX, fechando os olhos aos monumentos históricos, adiantaram-se para responder que o fim da ação do gene seria a civilização ocidental, a 'geléia real' da colméia da vida, só produzida pelos geneticamente iguais e dotados para tal (não por acaso, os próprios), os quais, em função mesmo dessa dotação, podiam (e podem?) escravizar e massacrar todos os classificáveis como não iguais, portanto não dotados. Esse núcleo de idéias é e tem sido, principalmente nesses tempos ditos de globalização, algo como uma base filosófica recorrente, suplementar, sub-reptícia. Hoje a mídia é a substituta do Coliseu.

Do mesmo modo que a noção do contrato social, a do homem como *tabula rasa* nos pareceu confortável, igualando-nos na base e em harmonia com a herança iluminista, recorrente em várias religiões. Desse modo, mesmo reconhecendo-lhe insuficiências, inclinamo-nos, toda a nossa geração, à compreensão do homem como *tabula rasa*, voltando nossas armas, uns para o aperfeiçoamento da sociedade, no que têm falhado; outros, para a manutenção dessa sociedade nesse ou naquele momento de sua evolução, aceitas as diferenças entre os homens como o preço de sua queda, ou da 'liberdade para errar', com isso justificando uma insustentável dicotomia entre o homem e seu grupo, entre o homem e sua ambiência. Extemporaneamente retornando ao pré-Iluminismo, lembremos Jules Michelet, o historiador da Revolução Francesa: é o irretocável mundo da 'Graça' próprio ao discurso da direita, contestando o mundo de uma inefável Razão.

---

<sup>2</sup> Cf. Sigmund Freud, *Moses and monotheism*, Vintage Books, Inc., N. York, 1955